

# A escora popular de Sarney

- 4 JUL 1985

Villas-Bôas Corrêa

**N**ESSE saudável episódio do reajustamento das alíquotas do imposto de renda cobrado na fonte, o recuo do Presidente José Sarney, cedendo esperadamente às pressões da opinião pública, encerra um recado intencional ou involuntário endereçado a todo o Ministério, com uma carapuça do tamanho exato da cabeça do Ministro Francisco Dornelles.



Coisas da política

Ora, convém que os ministros legados ao Governo pela paciência de oulives do Presidente Tancredo Neves, e as lideranças que também compõem a herança, se detêm um pouco no exame de uma decisão de Governo que é rica de ensinamento e recheada de curiosidade política. Pois parece que o dispositivo que saltou de uma situação para outra não se deu conta de uma clara e até muito compreensível opção do Presidente que caiu por acaso numa cadeira de assento fervente.

Mas, o que poderia ser confundido com um simples truque é, já agora, uma linha traçada com risco forte, marcando todo um roteiro. O Presidente José Sarney certamente que já se desembaraçou da leve carga ideológica que carregou sobre os ombros nos recuados tempos da mocidade de São Luís, nos estouvamentos da atividade política acadêmica e até, em anos bem mais recentes, quando em trânsito pela Bossa Nova da UDN. O Sarney cinquentão, de fartos bigodes que vão grisalhando e de cabelos que parecem embranquecer a cada dia, caiados pela tensão que se espelha na fisionomia sempre marcada pelo retesamento dos nervos e músculos faciais, com toda a certeza que é, de corpo inteiro, o retrato perfeito e acabado de um político que ancorou finalmente nas águas tranquilas do liberalismo. Nem um passo à esquerda, também nenhuma incursão nos espaços da direita. O centro é o equilíbrio do meio-termo e a boa receita do sucesso num País tradicionalmente controlado pela classe média solidamente conservadora, zelosa dos seus valores permanentes e ficando pé na resistência às novidades. Mirem-se, como na letra do samba do Chico Buarque de Holanda, no exemplo não das mulheres de Atenas mas no ancião Luís Carlos Prestes. Toda uma vida de coerência na obstinação empacada da pregação comunista. Meio século cantando o sambinha chatíssimo de uma nota só. Só, o velho Prestes vai terminando a trajetória política, expulso do PCB e tão sem votos como toda a esquerda fracionada que faz muito barulho, é ótima na bulha, mas ruim de urna.

Pois é. O Presidente Sarney não tem embaraçosos comprometimentos ideológicos, mas é um político esculpido no modelo popular da origem e que agora, depois de voltas e equívocos, se reencontra com o seu destino. E

está muito feliz de ter dado a volta por cima e feito as pazes com a sua biografia.

Portanto, o Sarney que chegou à Presidência da República não é o Senador José Sarney da Arena enterrada pela reforma partidária do Presidente João Figueiredo, o Inesquecível, e tramada pelas manhas do Ministro Petrônio Portella. Nem o presidente do PDS que rola por aí, se acabando, largando os pedaços, em irremediável processo de aniquilamento. Essas são páginas da vida que o Presidente Sarney já arrancou num gesto brusco, atirando-as ao lixo quando se desligou do PDS e embarcou na carruagem vitoriosa da Aliança Democrática.

A rota que conduziu Sarney à Vice-Presidência da chapa de Tancredo e daí à Presidência, não passa pelo PDS. É exatamente a outra ponta da encruzilhada. Assim, o José Sarney que está na Presidência é o udenista da Bossa Nova, o Governador popular do Maranhão. Nunca o arenista de renegada memória ou o pedessista de um ano atrás, já enterrado com muita terra por cima e esquecido como parente de má fama, que acaba banido da árvore genealógica por tácito consenso familiar.

Ora, um Presidente que já escolheu o seu roteiro não gosta que lhe proponham desvios para incursões suspeitas. Com toda a probabilidade, o Presidente está imbuído do propósito sincero de acertar e consciente de que terá que adotar medidas severas, de repercussão desfavorável. Só que elas terão que ser empacotadas para a entrega ao público num invólucro de razoável equilíbrio social. Quer dizer: quem ganha mais, paga mais; quem não tem com o que pagar, fica isento e, pelo meio, a escala precisa ser racionalmente distribuída. O Sarney que quer ser popular e que não pode dispensar a única escora firme, não se deixará levar por sugestões muito bem acolhidas pelos amortecedores dos economistas mas que penalizem a classe média e ativem a mão na hora de arrancar a parte dos ricos.

A escolha consciente de uma linha popular não representa apenas a confortável saída pessoal. Mas, essencialmente, um gesto de sabedoria política. Pois o Presidente José Sarney já olhou em volta e percebeu que não pode contar muito com os aliados de circunstância. A Aliança Democrática desfaz-se nos trancos da eleição para as prefeituras das capitais. Com o PMDB mesmo é que não pode apoiar-se. O Partido do Dr Ulysses está curtindo a sua dúvida existencial, oscilando entre a sedução de abiscoitar cargos e posições no Governo e a coceira de fingir de oposição para não ter que se explicar com um eleitorado viciado em falar mal do Governo. Sem a segurança da sustentação política, sem a serena segurança de uma sólida base de apoio parlamentar, o Presidente José Sarney só pode mesmo agüentar-se com uma razoável aceitação popular. Rejeitado pelo povo, o Governo José Sarney vai para o espaço. E se todo mundo está vendo o que só alguns ministros não enxergam, ninguém está mais consciente da sua força e da sua fragilidade do que o Presidente José Sarney — um carente de popularidade e decidido a conquistá-la. Porque gosta e porque precisa.